

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

COM A LINHA DE SOMBRA *

29 de Abril de 2020

A ILHA / 2013

um filme de RICARDO AIBÉO

Realização: Ricardo Aibéo *Montagem:* Sandro Aguilar *Mistura de som:* Tiago Matos *Colorista:* Marco Amaral *Colaboração:* Bárbara Valentina, Cláudia Lopes da Costa, Helena Gelpi, Joana Linda, João Constâncio, Jorge Cramez, Luís Mesquita, Maria Joana Figueiredo, Marta Brito, Patrícia Faria, Paulo Abreu, Pedro Duarte, Pedro Figueiredo, Ribeiro Chaves, Ricardo Leal, Rita Bénis, Teresa Penha.

Encenação: Luis Miguel Cintra *Cenários e figurinos:* Cristina Reis *Interpretação:* Dinis Gomes (Ariel, um espírito do ar), Nuno Lopes (Caliban, um escravo selvagem e disforme), Rita Durão (Ninfa do mar), Márcia Breia (Deusa Juno e Hárpia), Luis Miguel Cintra (Próspero, o legítimo duque de Milão), Sofia Marques (Miranda, filha de Próspero), José Manuel Mendes (Alonso, Rei de Nápoles), Ricardo Aibéo (Sebastião, seu irmão), António Fonseca (António, seu irmão e usurpador de Milão), Vítor d'Andrade (Fernando, filho do Rei de Nápoles), Luís Lima Barreto (Gonçalo, um velho e honrado conselheiro), Paulo Moura Lopes (O Mestre de um navio), Duarte Guimarães (Trínculo, um bobo), João Pedro Vaz (Estêvão, um despenseiro bêbedo), Tiago Matias (Adriano, um fidalgo), Pedro Lamas (Francisco, um fidalgo), Marcos Magalhães e José Carlos Araújo (cravo) *Assistente de cenografia e figurinos:* Linda Gomes Teixeira e Luís Santos *Desenho de luz:* Daniel Worm d'Assumpção *Acompanhamento musical:* Luís Madureira *Colaboração musical:* Marcos Magalhães *Direcção de cena:* Manuel Romano *Director técnico:* Jorge Esteves *Secretária da companhia:* Amália Barriga *Construção de montagem e cenário:* João Paulo Araújo e Abel Fernando *Técnico de luz e som:* Rui Seabra *Guarda-roupa:* Emília Lima *Colaboradores do Teatro da Cornucópia:* Tânia Trigueiros, Georgina Barbosa, Diomar Espindola, Maria do Sameiro Vilela *Filmagem do espectáculo:* Andresa Soares, Joana da Cunha Ferreira, Jorge Cramez, Maria Joana Figueiredo, Paulo Abreu *Som:* Ricardo Leal.

Produção: Ricardo Aibéo (Portugal, 2013) *Direcção de produção:* Ricardo Aibéo, Patrícia André *Primeira apresentação absoluta:* 12 de Outubro de 2013, no Teatro do Bairro Alto *Cópia:* RTP (Arquivo RTP), ficheiro digital, cor, 60 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca:* 31 de Outubro de 2013 ("Nos 40 Anos do Teatro da Cornucópia").

* No lançamento do livro *Luis Miguel Cintra: o Cinema*, editado pela Cinemateca na sequência da retrospectiva de 2017

COM A PRESENÇA DE RICARDO AIBÉO E LUIS MIGUEL CINTRA

Voltamos, com A ILHA, o filme de Ricardo Aibéo a partir de uma encenação de Luis Miguel Cintra, ao Teatro da Cornucópia que habitou o Teatro do Bairro Alto, em Lisboa, no correr das mais de quatro décadas de vida da companhia, acima de tudo habitando inestimavelmente as vidas dos espectadores de teatro. Nunca é demais lembrar que, fundada em 1973 por Cintra e Jorge Silva Melo, a Cornucópia nasceu na Faculdade de Letras e foi buscar o seu nome a uma das personagens de *Anfitrião* de António José da Silva, peça aí encenada por Cintra. Já o Teatro do Bairro Alto, onde a Cornucópia se instalou em 1975, foi nomeado pela companhia em homenagem ao teatro de bonifrates do mesmo António José da Silva, "o Judeu", não obstante situar-se nas proximidades, e não no Bairro Alto lisboeta. Marcando gerações de espectadores, os espectáculos da Cornucópia, a que, cenógrafa e figurinista, Cristina Reis se juntou de alma e coração em 1975, fizeram confluír outras tantas gerações de gente do teatro, envolvendo uma série de pessoas e projectos numa teia de cumplicidades artísticas mas também afectivas. Ricardo Aibéo pertence a esse vínculo generoso.

Actor (profissional desde meados dos anos 1990, altura em que João Perry o dirigiu em *Sonho de Uma Noite de Verão*), encenador (em 2000 encenou *Hamlet* de Buñuel na Cornucópia, e depois peças de Georges Feydeau, Alfred Jarry, Georg Büchner, Robert Walser, Máximo Gorki), realizador (numa estreia de 2004, O ESTRATAGEM DO AMOR), Ricardo Aibéo colaborou frequentemente com a Cornucópia, muitas vezes sob a direcção de Luis Miguel Cintra, mas também de Christine Laurent. Foi, por exemplo, o Fígaro,

criado de quarto do Conde e porteiro do castelo de *O Casamento de Fígaro*, de Beaumarchais, o Sebastião, irmão de Alonso Rei de Nápoles de *A Tempestade* de Shakespeare, nas encenações de 1999 e 2009 de Cintra. É aliás do registo do trabalho de *A Tempestade* que A ILHA parte, alinhando na “filmografia da Cornucópia” que a Cinemateca revisitou em 2013, quando se celebravam quarenta anos de teatro, três antes do fecho da companhia. São de 2013 A ILHA e MISERERI, também realizado por Aibéo a partir de filmagens de 2010 como registo do espectáculo da Cornucópia levado à cena no Teatro Nacional D. Maria II (em que Aibéo interpretou um Brincalhão).

“Passa depressa o tempo no teatro”, escreveu Luis Miguel Cintra no seu texto de apresentação do impressionante “livro-arquivo” *Teatro da Cornucópia Espectáculos de 1973 a 2001*, publicado em 2002 e organizado como um inventário do trabalho feito, podendo dar conta ainda, “para quem o souber ler, do que pode ser uma companhia de teatro. Ao longo dos seus anos de vida, a Cornucópia contou com o entusiasmo, a compreensão, a vontade daqueles que seguiram o impulso de filmar o trabalho, registar espectáculos, realizando filmes que os testemunham – lhes garantem a “documentação de um rasto” – devolvendo da Cornucópia retratos filmados também pessoais, também afectivos. Trata-se de uma “documentação filmográfica” que remonta aos anos 70 do Grupo Zero (E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO?, MÚSICA PARA SI, realizados por Jorge Silva Melo e Solveig Nordlund), contempla FIM DE CITAÇÃO de Joaquim Pinto e Nuno Leonel (2013) ou ILUSÃO da também actriz Sofia Marques (2014). A ILHA conta-se entre estes casos.

“Filmado entre Janeiro e Maio de 2009 no decorrer dos ensaios, montagem e representações d’*A Tempestade* de Shakespeare, 101º espectáculo apresentado pelo Teatro da Cornucópia, companhia fundada em Lisboa em 1973”, explicita o cartão de abertura, sobre fundo negro, letras brancas e a variação a vermelho da imagem de silhuetas da Cornucópia. O plano seguinte é geral, frontal, sobre a cena de *A Tempestade* na “ilha da Cornucópia”. Começa A ILHA de Ricardo Aibéo. Não é descabido falar deste filme como um *making of* de um espectáculo, mas é mais certo notar como é um *olhar por dentro*, que nos vai apresentando aos bastidores do Teatro do Bairro Alto na era Cornucópia. Que nos vai mostrando o que é o trabalho envolvido na preparação de um espectáculo nas suas várias componentes. Conhecemos os espaços não públicos do Teatro que era a casa da Cornucópia, a sala de ensaios, os armários que guardam impecavelmente os fatos usados espectáculo a espectáculo, actor a actor, ao longo dos anos. Assistimos a ensaios de actores, provas de guarda-roupa, conversas preparatórias, discussões sobre cenários, cores, adereços, o texto, a tantas outras coisas. Ficamos a saber que muitas vezes um actor pergunta “como é que eu posso acordar a minha voz?” Ouvimos a resposta de Luís Madureira a Dinis Gomes: “Timbrar. Ir à procura de cores. O timbre é a transformação do ar em som.” Talvez seja o que os actores procuram nos planos iniciais da ILHA, antes dos sons das tábuas, aparafusadoras, de aplausos (ouvem-se no princípio, não no fim), se juntarem ao coro que de imediato nos imerge *no teatro*.

O que é especial é que nessa amostragem, por referência a um espectáculo concreto, de uma companhia em trabalho e do trabalho de uma companhia, mais que a satisfação de uma possível curiosidade de espectador – de teatro e de cinema –, o que nos é oferecido é um olhar que permite ter uma ideia “do que pode ser uma companhia de teatro”. Que não é, muito pelo contrário, uma companhia de teatro qualquer. A sensibilidade do olhar de Aibéo, que só fugidamente surge em campo em cenas de grupo em palco, manifesta-se na justeza com que capta esse espírito de trabalho na Cornucópia – do trabalho da Cornucópia –, construindo o filme à volta desta ideia. “Para quem faz do teatro a sua vida *A Tempestade* é a peça que finalmente faz a ponte entre a vida e o nosso ofício.” A primeira declaração do texto de Luis Miguel Cintra que acompanhou o espectáculo – “Peça mais abstracta não há.” – reverbera na ILHA.